

A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CAMINHOS PARA A JUSTIÇA SOCIAL

CAPOEIRA IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: PATHWAYS TO SOCIAL JUSTICE

José Davi Leite Castro **1**
Luciana Venâncio **2**

Resumo: a escravização na constituição brasileira tem reflexos difundidos hoje na sociedade, onde a reprodução e a manutenção da desigualdade social apresentam-se de modo latente e revela a existência de uma colonialidade criadora de narrativas e concepções hierárquicas, que afetam de modo profundo o campo da Educação. Contra esse processo, as tensões causadas pelos movimentos sociais e os indivíduos “inferiorizados” nessa hierarquia colonialista, geraram novas formas de pensar a Educação, inclusive a Educação Física. O texto objetiva desvelar os elementos das africanidades presentes na capoeira através dos marcadores das africanidades e da Pretagogia, constituintes de uma proposta político-pedagógica. Através das relações estabelecidas, o conteúdo e a intersecção com as africanidades demonstram potencial no tratamento e na problematização da Educação para as Relações Étnico Raciais e da justiça social a fim de demonstrar que não há como implementar projetos decoloniais de educação efetivos sem a busca por uma justiça social pragmática.

Palavras-chave: Capoeira. Educação Física Escolar. Justiça Social. Decolonialidade. Africanidades.

Abstract: the slavery in the Brazilian constitution has widespread reflections in society today, where the reproduction and maintenance of social inequality is latente and reveals the existence of a coloniality that creates narratives and hierarchical conceptions, which profoundly affect the field of Education. Against this process, the tensions caused by social movements and “inferiorized” individuals in this colonialist hierarchy, generated new ways of thinking about Education, also affecting Physical Education. The text aims to reveal the elements of Africanities present in capoeira through the markers of Africanities and Pretagogy, constituting a political-pedagogical proposal. Through the established relationships, the content and the intersection with its Africanities demonstrate potential in the treatment and problematization involving Education for Ethnic-Racial Relations and social justice, demonstrating that there is no way to implement effective decolonial education projects without the search for practice social justice.

Keywords: Capoeira. School Physical Education. Social justice. Decoloniality. Africanities

-
- 1** Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Educação Física da Rede Municipal de Educação de Fortaleza/Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3569658274557028>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4738-0509>. E-mail: davileite11@hotmail.com.
 - 2** Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp de Presidente Prudente). Professora na Universidade Federal do Ceará (UFC), no Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Natal (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2343126935338257>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2903-7627>. E-mail: luvenancio@ufc.br.

Introdução

O passado colonial brasileiro, ancorado em um sistema de poder hierarquizado e em uma lógica de construção nacional com base na escravização, tem seus reflexos expostos na sociedade contemporânea, que é desigual e (re)produz um amplo monopólio de riqueza e poder por um lado e apresenta-se escassa de recursos e limitadora da liberdade do outro.

Esse processo de origem histórica foi o implementador de uma colonialidade (ou modernidade/colonialidade) capaz de criar narrativas temporais e concepções de territorialidade que se mostram como superiores à de outros locais e civilizações sejam elas passadas ou atuais (Maldonado-Torres, 2018). Nesse viés, o que advém do colonizador é tido como superior ao que é originado ou produzido pelos colonizados, instaurando uma lógica hierárquica social, política e epistemológica traduzida nas desigualdades presentes na sociedade mesmo findadas as primeiras colônias.

Como devir que permite a existência e o respeito às lógicas de mundo, tempo, espaço e as subjetividades de cada ser, a proposta da decolonialidade não é o rompimento com a concepção de modernidade instaurada, mas sim possibilitar uma nova abordagem na qual as demais tradições e singularidades podem coexistir e relacionar-se (Maldonado-Torres, 2018).

A instauração de perspectivas decoloniais em diversos campos da sociedade brasileira ainda enfrenta, no entanto, dificuldades. A imbricação da colonialidade nos modos de ser e enxergar o mundo permite seu constante reforço, e exige novas ações que garantam aos sujeitos a consciência das desigualdades sociais e o poder de ação contra elas. Um exemplo disso é verificável no campo da Educação, que ainda possui forte influência da tomada colonial (Gomes, 2018).

As noções de igualdade ancoradas na perspectiva de uma “nação brasileira miscigenada”, onde as oportunidades seriam iguais a todos(as), são um dos instrumentos coloniais de manutenção de poder uma vez que invisibilizam a subjetividade dos seres e das questões sociais envolvidas. O vislumbre cotidiano dessa problemática dá-se na indiferença a temas como raça, etnia, ocupação dos espaços e urbanização, questões financeiras e políticas que envolvem intrinsecamente a existência do ser.

A formação histórica e cultural brasileira é resultado das relações entre as populações africanas, indígenas e europeias e seus descendentes, de maneira que a cultura nacional reverbera em todos os campos e classes sociais por ser “[...] em enorme proporção a cultura de base africana transformada pelas relações sociais brasileiras” (Cunha Júnior, 2020, p. 17). Apesar desse arcabouço cultural, as marcas coloniais que cerceiam e excluem as formas de pensar e agir em detrimento de outras teriam também outras formas de expressão, como o padrão de urbanização: as cidades são compostas por áreas informais, desprovidas de planejamento, investimento ou desenvolvimento tecnológico (áreas onde se concentram as populações negras em maior quantidade), e áreas formais, que concentram a maior parte dos investimentos e ações públicas e são pontos estratégicos para o desenvolvimento tecnológico (Cunha Júnior, 2020); e a distribuição geográfica dos bens de lazer (parques, museus, praças etc.), mais escassos nas áreas informais, muitas vezes não é planejada ou cogitada para esses locais, mesmo com a concentração de um maior número demográfico (Dias, 2011).

Em meio às implicações da colonialidade em uma das maiores sociedades multirraciais do mundo, composta por um significativo número de afrodescendentes, os indivíduos têm a tarefa complexa de articular classe, raça e gênero dentro de um sistema racista, desigual e ambíguo enquanto desenvolvem seus processos identitários (Gomes, 2011).

A entrada de grupos sociais e regionais diversos no sistema educacional, graças às políticas públicas e às demandas dos movimentos sociais e da população em prol do direito à educação (Cunha Júnior, 2020; Gomes, 2011), antes negados a uma parte expressiva da população, foi um acontecimento mobilizador dessas tensões, pois colocou em ênfase o questionamento das desigualdades presentes fora e dentro das instituições de ensino. No âmbito educacional essas tensões refletem-se na composição do ambiente escolar (gestores/as, professores/as, estudantes), nas políticas educacionais, nos currículos, nos materiais didáticos, na práxis pedagógica e em outros elementos que envolvam o campo.

A Educação Física, em meio a essa luta por direitos sociais, também sofre as consequências

desses tensionamentos e mobilizações. Com a inserção das Ciências Sociais e Humanas nas produções acadêmicas, nasceu a consciência de que os currículos e modos de enxergar a área necessitavam de transformações (Maldonado; Neira, 2022). Assim, os currículos da Educação Física que consideram o movimento corporal apenas como algo biológico, mecânico ou relacionado ao desempenho são cogitados como currículos acríticos, produtores de sujeitos objetos duplicadores das lógicas da sociedade capitalista moderna e inertes ao consumo em meio à indústria cultural, diferente dos(as) estudantes submetidos(as) às propostas curriculares (crítico-superadora, crítico-emancipatória) mais atuais, que buscam romper com esse paradigma de Educação Física (Bracht, 1999).

As novas proposições buscam a tematização das formas culturais de movimentar-se do ser humano enquanto proporcionam o desenvolvimento de uma criticidade quanto às formas e aos demais elementos e relações tecidas, permitindo um olhar sobre o movimentar-se humano como um fenômeno histórico-cultural (Bracht, 1999). Um exemplo dessas propostas é o currículo cultural em Educação Física, que adota como noção de “conhecimento” toda a “produção discursiva verbal ou não verbal acerca das práticas corporais e dos seus participantes” (Neira, 2022, p. 115), fomentando a tematização dos componentes da disciplina com base em suas problematizações, significados e ocorrências sociais a partir dos significados atribuídos pelos(as) estudantes.

Por meio de diversas orientações, casos envolvendo práticas que fomentem a justiça social dentro do campo da Educação Física escolar são ilustrados por meio das experiências de professores e professoras que, regidos pelo devir de educação enquanto ato político, não são neutros às questões que os cercam e consideram as relações estruturadas junto às manifestações da cultura corporal de movimento como um dos componentes a serem tematizados (Maldonado; Neira, 2022; Neira, 2022).

As experiências político-pedagógicas dos(as) professores(as) nas aulas de Educação Física escolar revelam e problematizam as desigualdades socioeconômicas relacionadas às práticas corporais diversas (skate, futebol, tênis, rap e o hip hop, entre outras), com foco na justiça social. Isso favorece a ampliação nas leituras de mundo estabelecidas pelos(as) estudantes, que passam a repensar a realidade na qual estão inseridos(as) e ampliam o entendimento sobre as desigualdades e injustiças presentes na sociedade (Maldonado; Neira, 2022; Pereira; Venâncio, 2021).

Nesse contexto, com vistas a valorizar as propostas que problematizem as desigualdades sociais visíveis na realidade brasileira, ainda vinculada às lógicas colonialistas que apagam os valores e conhecimentos produzidos por grupos sociais em razão da lógica hierárquica que por muito tempo afetou o campo da Educação, o presente texto objetiva apresentar elementos da capoeira capazes de fomentar a justiça social e reconhecer os saberes identitários relacionados à cultura africana e afro-brasileira nas aulas de Educação Física.

Metodologia

Reconhecida a importância das escrituras (Evaristo, 2006), relatos de experiências pedagógicas e outras formas de registro das ações docentes, na formulação de novas maneiras de pensar a Educação Física com base na justiça social (Maldonado; Neira, 2022; Neira, 2022), assentimos a dimensão desses registros e elaborações pedagógicas por conta da forma como eles ilustram o grande campo das “ações”, pautadas de acordo com as vivências, formações e concepções de cada docente.

As experiências desenham-se nas naturezas subjetiva, pessoal e íntima de cada docente, mas é através das redes de compartilhamento que as concepções tornam-se políticas e o fazer docente torna-se transgressor dos limites impostos. As questões que envolvem a docência, a afetividade, as expectativas e os conhecimentos são desconstruídos na inserção ao espaço da sala de aula, quando o sujeito está diante dos(as) estudantes e suas ideias, histórias e sentidos. Isso demonstra que o fazer docente, como destacado por hooks (2017), requer desconstruções constantes, seja no fazer pedagógico, nos conteúdos ou nos ambientes de ensino.

Assim, o presente texto trata-se da apresentação de uma proposta político-pedagógica ancorada nas experiências docentes que buscam trazer à tona a capoeira como conteúdo da

Educação Física capaz de fomentar a justiça social e dialogar sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) por meio dos elementos que perpassam as africanidades dessa manifestação cultural.

A proposta foi desenvolvida como parte das apresentações “*Educação Física Escolar e as Africanidades: perspectivas e possibilidades didáticas*”, oficina ministrada no Congresso de Professores de Educação Física Escolar (CONPEFE) em 2023; “*Possibilidades didáticas com a capoeira no ensino fundamental I: aproximações com as africanidades*”, oficina ministrada no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal do Ceará (UFC) em 2022; “*Ilê Aiyê: mantendo vivas nossas histórias*”, oficina ministrada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em 2022; e “*Pensando na perspectiva das africanidades: possibilidades didáticas na EFE*”, minicurso ofertado na Semana de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (SEMEF-IFCE) em 2022.

À exceção de uma, as apresentações foram realizadas em conjunto a outros colegas docentes da área (professor Lury Crislano de Castro Silva e professora Ana Beatriz Medeiros Melo¹) com a mesma proposta: apresentar caminhos para o autorreconhecimento e o pertencimento dos sujeitos nas aulas de Educação Física Escolar tecidos a partir do estabelecimento de relações com os marcadores das africanidades propostos pela professora Sandra Petit e possibilitados por intermédio da capoeira e da intersecção entre os marcadores.

Nossa discussão se aterá ao estabelecimento das relações entre as africanidades e seus marcadores para o desenvolvimento de formas críticas de apresentar e enxergar o conteúdo capoeira dentro das aulas de Educação Física Escolar, abrindo espaço para a abordagem de temas relacionados à justiça social.

Desenvolvimento, resultados e discussão

Em um contexto violento, repressivo e orientado pela lógica de desumanização, o processo de escravidão de africanos(as) e indígenas e seus descendentes foi o arcabouço sobre o qual o Brasil se constituiu. Nesse meio surgiu como manifestação escrava em busca da liberdade a capoeira (Campos, 2001), uma forte expressão de resistência diante da realidade violenta da escravidão e que assim como outras manifestações da cultura africana e afro-brasileira foi criminalizada e teve seus praticantes caçados (Soares, 1999).

Além dos açoites e outras orientações sobre como lidar com os “capoeiras”, o Decreto 287, do Código Penal de 1890, capítulo XIII (“Dos vadios e capoeiras”), art. 402, previa punições oficiais aos praticantes da capoeiragem e inclusive trazia agravantes para os(as) integrantes das maltas e/ou bandas (Beltrão, 2020). A especificidade da condenação feita pelo Código Penal demarca uma peculiaridade da capoeira em comparação as demais manifestações africanas e afro-brasileiras caçadas da época: enquanto as outras performances representariam uma resistência simbólica por serem praticadas ou desafiarem o imaginário dos(as) poderosos(as), a capoeira representaria uma resistência física e uma luta causadora de atritos e violências, o que mexe com a noção de “barbárie”, além de ser um risco à segurança das elites brancas (Reis, 1997).

A ligação da capoeira com a corporeidade negra, com os povos negros e suas práticas atrela o significado social dessa prática ao lugar social do negro na sociedade brasileira em razão das visões em torno desse sujeito marginalizado e das penalidades sofridas nas manifestações culturais do grupo (Reis, 1997).

Apesar das modificações nos pontos de vista regentes, a capoeira aproxima-se dos olhares e objetivos da Educação Física no início do desenvolvimento da área no Brasil, mas permanece distante das instituições de ensino formais, sendo apenas cogitada como temática da área por volta de 1980, junto aos discursos críticos, que denunciavam o modelo de Educação Física da época que desprezavam as manifestações do movimentar-se humano como parte de uma construção histórico-cultural (Iório; Darido, 2005).

O “corpo negro emancipado” é representado pelas manifestações culturais desenvolvidas

¹ O professor e a professora são colegas de turma do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF), cursado durante o período de 2021 a 2024, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

por interferência das tensões entre os processos de regulação-emancipação destacados por Gomes (2011). Ele então carrega elementos de libertação, afirmação e rebeldia diante do regime escravocrata e, portanto, está vinculado à liberdade, à criticidade e à corporeidade (Ferreira Neto, 2018).

Como componente da Educação Física escolar, a capoeira é capaz de proporcionar a reflexão e a discussão sobre questões como as desigualdades e preconceitos quando trabalhada de forma que permita a reflexão e vivência da diversidade afro-cultural brasileira e da história da população negra no Brasil e das tensões que envolvem essas relações até hoje (Silva; Darido, 2017).

Em busca de convergências entre os elementos da capoeira, as africanidades foram revisitadas para trazer à tona valores e elementos que perpassam as vidas dos indivíduos e estão mais destacadas dentro das manifestações africanas e afro-brasileiras que o componente curricular se propõe a tematizar. As potencialidades da Educação Física escolar podem ampliar o entendimento sobre as desigualdades, injustiças e racismos, assim como promover caminhos para um currículo decolonial, não apenas em seus conteúdos, mas em suas práticas. Nessa mesma direção, Sanches Neto e Venâncio (2020) destacam em suas pesquisas o desafio curricular da Educação Física em lutar para dar visibilidade aos afro-americanos/às afro-americanas e posicionar-se como antirracista.

A professora Sandra Haydée Petit elabora os chamados “marcadores das africanidades”, que seriam “temáticas possíveis de identificação das africanidades nas nossas vidas” (Petit, 2016, p. 667). Esses marcadores promovem aproximações no campo da capoeira que podem tornar-se mais visíveis ou direcionadas, ressaltando o “afro” nesta manifestação de luta afro-brasileira.

Os 30 marcadores, segundo Petit (2016), reúnem atravessamentos relevantes do “afro” em nosso sistema cultural, funcionando como “marcas” que conectam uma série de fatores relacionados aos seres independentemente de sua cor de pele. São eles:

Quadro 1. Marcadores das africanidades

| | |
|---|---|
| <p>1- História do meu nome;</p> <p>2- Histórias da minha linhagem, inclusive agregados;</p> <p>3- Mitos/lendas /o ato de contar/valorização da contação;</p> <p>4- Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade/territorialidades e desterritorialidades negras (movimentos de deslocamentos geográficos, corporais e simbólicos);</p> <p>5- Sabores da minha infância, pratos, modos de comer e valor da comida;</p> <p>6- Pessoas referências da minha família e da minha comunidade e pessoas negras referências do mundo, significativas para mim;</p> <p>7- Simbologias da circularidade/tempo cíclicos e da natureza;</p> <p>8- Práticas e valores de iniciação/ritos de transmissão e ensino;</p> <p>9- Mestras(es) negras(os), da cultura negra;</p> <p>10- Escrituras negras;</p> <p>11- Curas/práticas de saúde;</p> <p>12- Cheiros “negros” significativos;</p> <p>13- Festas da minha infância e festas de hoje;</p> <p>14- Lugares míticos e territórios afromarcados (investidos pela negritude);</p> | <p>15- Músicas/cantos/toques/ritmos/estilos afro;</p> <p>16- Danças afro;</p> <p>17- Cabelos afro (encaracolados/cacheados/crespo) práticas corporais de afirmação e negação dos traços negros diacríticos;</p> <p>18- Representações da África / relações com a África;</p> <p>19- Negritude, força e resistência;</p> <p>20- Artesanatos;</p> <p>21- Outras tecnologias;</p> <p>22- Valores de família/filosofias;</p> <p>23- Racismos (perpetrados e sofridos);</p> <p>24- Formas de conviver/laços de solidariedade/relações comunitárias;</p> <p>25- Relação com a natureza;</p> <p>26- Religiosidades pretas;</p> <p>27- Relação com as mais velhas e os mais velhos/senhoridade (respeito aos mais experientes);</p> <p>28- Vocabulário afro/formas de falar;</p> <p>29- Relação com o chão (vivências e simbologias);</p> <p>30- Outras práticas corporais (brincadeiras tradicionais, jogos e outras).</p> |
|---|---|

Fonte: Petit (2016, p. 667-669).

O referencial teórico metodológico da “Pretagogia” contribui para a atualização e potencialização dos princípios da cultura africana e afro-diaspórica na Educação e apresenta nove princípios:

- 1) o autorreconhecimento afrodescendente; 2) a tradição oral; 3) a apropriação dos valores das culturas de matriz africana; 4) a circularidade; 5) a religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos; 6) o reconhecimento da sacralidade; 7) o corpo como produtor espiritual, produtor de saberes; 8) a noção de território como espaço-tempo socialmente construído; 9) o reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro (Petit, 2016, p. 665).

A capoeira e a Educação Física escolar convergem e mostram novas possibilidades pedagógicas na medida em que a Pretagogia consegue reorganizar corpo e centralidade dentro do processo de ensino-aprendizagem. Produtora e catalizadora de um conhecimento indissociável de seus saberes, espiritualidade e relações com a natureza, a inserção da capoeira nas práticas de educação contribui para o distanciamento das noções “acríticas” de Educação Física que estiveram presentes por tanto tempo no componente.

Como formas de manifestação da cultura afro-brasileira, os diversos marcadores das africanidades conectam-se com (ou ressaltam) os elementos da capoeira, seja em sua organização, origem, transmissão ou prática. Dentre os 30 marcadores, alguns foram selecionados para desenhar essa associação.

O primeiro deles, “*Minha linhagem*”, relaciona-se com a transmissão de conhecimentos da capoeira e a presença de Mestres(as) que estão/estiveram com os praticantes e alunos(as), em uma rede organizada como uma “árvore genealógica” ancestral de praticantes e aprendizes ligados consanguineamente ou não. O segundo, “*Relação com os mais velhos*”, interliga-se com o marcador anterior e é voltado para a transmissão de conhecimentos por Mestres(as) antigos e a necessidade da preservação e valorização dessas fontes de conhecimento.

Embora inicialmente praticada por escravizados negros africanos, a capoeira criou uma rede de transmissão de saberes onde novos grupos sociais e étnicos foram inseridos com o passar do tempo (Soares, 1999), contudo o respeito àqueles que estiveram e ainda estão no topo dessa “árvore dos saberes”, assim como seus ensinamentos, foram passados a cada ramificação.

A valorização da linhagem nos marcadores, seja ela consanguínea ou não, remete ao passado brasileiro e à origem negra africana, além de reforçar o respeito aos mais velhos como fonte de conhecimento e pertencimento, pois eles carregam experiências e práticas atreladas a outros modos de viver e relacionar-se com o meio. Esse “retorno” ao passado e às linhagens da capoeira seria capaz de desvelar o passado negro e africano indissociável da constituição brasileira.

“*Mitos e lendas/atos de contar/valorização da contação*”, enquanto terceiro marcador elencado para nossa proposta, referencia-se às rodas de capoeira como momentos de transmissão oral possibilitados pela circulação das falas e cantigas. As músicas são consideradas as formas de condução de conhecimento mais potentes uma vez que acompanham a capoeira de modo indissociável em conjunto com sua história, acontecimentos e personalidades, sendo utilizadas no ambiente escolar como uma das ferramentas na ERER (Ferreira, 2022).

Direcionado à relevância dos sujeitos considerados históricos como Besouro, Bimba, Pastinha, Maria Doze Homens, Dandara, Zumbi, “*Pessoas negras de referência*” é o quarto marcador das africanidades que trazemos. Ele abarca os protagonistas negros e negras que contribuíram para a formação de uma identidade racial a partir da participação em lutas por liberdade e garantia de direitos, fomentando ainda mais uma consciência racial e antirracista.

As “*Simbologias cíclicas (circularidade)*” configuram a organização da roda de capoeira, ou o próprio ato de “rodar o mundo” no jogo. Dentro da cosmovisão africana, mais especialmente bantu-kongo, a simbologia cíclica estaria presente nas formas de enxergar a vida, o viver, os seres, as relações, não sendo apenas uma forma de organização, mas também de compreensão dos “ciclos” da vida (Santos, 2019).

Na capoeira, o ato de “rodar” ou dar a “volta ao mundo” seria uma ação dentro da roda,

realizada após alguém “comprar o jogo” (entrar para jogar), ou vislumbrada em outros dois casos: na ocorrência de alguma alteração no ritmo/estilo de jogo determinado pelo Berimbau ou para acalmar/reiniciar um jogo entre dois(duas) capoeiristas. Nesse sentido, as ações cíclicas na capoeira também carregam significados e símbolos e vão além do simples ato de movimentar-se.

Vinculado às formas de aprendizado e prática da capoeira, seus ritos próprios, seu caráter combativo mesclado à necessidade da ritmação, seu jogo corporal balanceado, e suas modificações ao longo do tempo, o sexto marcador de africanidades escolhido é “*Práticas e valores de iniciação/ ritos de transmissão e ensino*”. Ele tem relação histórica com as formas de transmissão da capoeira: se antes eram tidas como práticas criminosas, logo sua disseminação não ocorria de modo livre, requisitando de seus praticantes e aprendizes a “discrção”. Contudo, em seus ritos essa discrção era rompida, sendo parte do processo o desafio à ordem policial vigente como modo de demonstrar os conhecimentos adquiridos e a valentia (Soares, 1999).

Esse processo, assim como a capoeira, com o tempo foi modificado. A ação de mestres e mestras permitiu que a manifestação adentrasse outros espaços, tornando-a legalizada, e adotasse outros formatos. Eventos passaram a ser elaborados, graduações foram estabelecidas e outras práticas começaram a ser adotadas para garantir à capoeira presença inclusive nas escolas e na Educação Física. A ilustração das transformações nesse processo de transmissão de conhecimento na capoeira demonstra que através da oralidade e de uma sociabilidade estabelecida, os grupos negros escravizados foram capazes de perpetuar o aprendizado dessa prática de resistência mesmo ao longo dos anos.

“*Músicas/ cantos/ toques/ ritmos/ estilos afro*” é um marcador que correlaciona os toques à organização da bateria de instrumentos, ladainhas e todo o aspecto musical que, desde os instrumentos até as letras, tem ligação forte com as africanidades. Transmissoras da historicidade da capoeira, suas lutas e personalidades, as músicas, como revelado nas experiências de Ferreira (2022), são ferramentas necessárias para o desenvolvimento de propostas antirracistas de conscientização racial na escola.

A formação das “baterias”, que seguem uma ritualística de três berimbaus, agogô, atabaque, pandeiro entre outros instrumentos adicionados de acordo com a perspectiva de cada grupo, tem a presença dos chamados “arcos monocórdicos africanos” (Oliveira, 2019). Esses arcos, os berimbaus, são heranças africanas presentes na capoeira (o “afro” de afro-brasileira), contudo a formação dos três berimbaus da bateria na roda de capoeira é uma característica da capoeira desenvolvida e criada em solo brasileiro (o “brasileira” de afro-brasileira).

A “*Dança afro*” revela-se na prática da capoeira, que adota a ritmação e o jogo corporal em seus movimentos, assemelhando-se com uma dança em certas ocasiões. A ritmação se faz presente na capoeira, sendo inclusive uma característica importante a ser notada nela. Cada toque “solicita” um tipo de jogo, permitindo que os movimentos e suas velocidades modifiquem-se. Além dos toques demarcarem divisões dentro da própria manifestação (capoeira angola e capoeira regional), eles denotam a uma série de padrões comportamentais dentro da roda de capoeira e do jogo, tecendo assim semelhanças com as danças.

Dois marcadores importantes para a construção do processo de autoidentificação e retomada dos efeitos da afrodíspora são “*Representações da África/relações com a África*” e “*Racismos*”. O primeiro relaciona-se à performance em si, constituída por uma série de elementos das manifestações africanas dentro do contexto específico da escravização dos povos africanos na constituição brasileira. O segundo, por sua vez, refere-se ao processo de fixação do preconceito contra o negro e a capoeira, desde o período de escravização até os atos legalmente expressos na Constituição que visavam à proibição dessa manifestação.

Ambos os marcadores tecem relações com a África, o processo de escravização dos povos africanos e o racismo instaurado no Brasil. Os “navios negreiros”, as “portas do não retorno” e outros símbolos associados ao tráfico transatlântico de povos africanos são formas de demonstrar o processo de epistemicídio cultural e identitário promovido pela escravização. Eles são ainda formas de demonstrar que o ato de criar novas manifestações culturais em uma nova terra, com elementos da cultura originada em outro continente, é uma ação de resistência.

O processo de perseguição das expressões e performances africanas e afro-brasileiras e a criminalização da capoeira são exemplos visíveis das relações de poder desiguais e preconceituosas

do passado, mas que ainda estão presentes de outras formas na atualidade e manifestam-se no racismo perceptível em diversas situações cotidianas experienciadas no meio social.

Em pesquisa realizada com professores capoeiristas, Castro (2021) chega à conclusão de que a capoeira foi capaz de atravessar diversos ambientes da vida deles, constituindo-se como elemento chave no desenvolvimento de uma práxis pedagógica com a Educação Física. Outro achado da pesquisa refere-se à influência da capoeira na busca desses professores por conhecimento sobre a história brasileira e africana, nos estudos sobre a capoeira, no desenvolvimento de um processo de autorreconhecimento e pertencimento, e na valorização das manifestações de origem africana e afro-brasileira.

De acordo com o resultado das análises realizadas, as relações estabelecidas na capoeira durante as aulas de Educação Física escolar que reforçam os saberes instituídos pelos marcadores das africanidades revelam-se alternativas viáveis para a compreensão da presença das africanidades no cotidiano, assim como potentes ferramentas para gerar inquietude quanto ao racismo, a desigualdade social e outras questões que perpassam o dia a dia dos(as) estudantes.

Logo, o desvelamento dessas interações dentro de uma manifestação tematizada pela Educação Física escolar contribui para a construção de uma educação decolonial, pois não apenas cogita a presença de temas relacionados à cultura afro-brasileira e africana, mas proporciona uma reflexão em torno das ações pedagógicas. Esse movimento auxilia na exploração do conteúdo em intersecção com as africanidades e as implicações levantadas pelos(as) estudantes, configurando uma potente ferramenta no tratamento das injustiças sociais no ambiente escolar.

Considerações Finais

Embora atualmente as teorias críticas do currículo tenham ganhado espaço e sejam sempre destacadas nas produções e publicações da área da Educação Física, o currículo, assim como as formas de pensar a Educação, ainda está imbricado em sistemas que reforçam a colonialidade. Esse complexo é revelado através da ação de docentes que não levam em consideração questões como sexismo, machismo, racismo, opressão e desigualdades dentro do ambiente escolar. Ao invés de haver a aplicação de “currículos vivos”, adequados aos sujeitos e suas demandas, a solidez epistêmica docente, que torna o educador incapaz de (re)pensar ações pedagógicas capazes de unir perspectivas advindas dos(as) estudantes a outras propostas político-pedagógicas, ainda está ligada a moldes de origem eurocêntrica que distanciam o acesso a determinados conhecimentos originados por grupos populares.

A Pretagogia, os marcadores das africanidades associados à Educação Física e a temática da capoeira apresentam possibilidades eficientes para a abordagem das questões envolvendo a EREER e a justiça social e abrem caminhos para discutir e problematizar pontos como o racismo, o epistemicídio, o apagamento ou criminalização cultural das manifestações africanas e afro-brasileiras, o lugar social do(a) negro(a) brasileiro, as desigualdades na distribuição urbana, o acesso aos bens de lazer e outras questões.

A proposta de evidenciar as africanidades dentro da capoeira e suas possibilidades didático-temáticas nas aulas de Educação Física é proveniente de minicursos e apresentações e está pautada na tentativa de elucidar caminhos que permitam o fomento de discussões envolvendo a EREER e a justiça social dentro da escola. É válido ressaltar que apesar da tematização pragmática dos conteúdos ser parte do documento curricular orientador mais recente, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), ela ainda se encontra desvinculada das demandas sociais tão latentes no ambiente escolar.

A necessidade de retumbar os marcadores e abordar os temas que envolvem a participação negra tão apagada na história nacional visam promover inquietude, problematização e conscientização sobre as diversas implicações que envolvem a temática. Além disso, pretende-se demonstrar que não há como implementar projetos de educação decoloniais efetivos sem a busca por uma justiça social que traga ao centro dos processos de ensino-aprendizagem os(as) estudantes e suas demandas.

Referências

BELTRÃO, Mônica. **A capoeiragem no Recife antigo: os valentes de outrora**. 3. ed. Olinda: Nova presença, 2020.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Caderno Cedes**, Campinas, ano 19, n. 58, p. 69-88, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3NLKtc3KPprBBcvgLQbHv9s#>. Acesso em: 5 set. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2001.

CASTRO, José Davi Leite. **A capoeira na educação física escolar: vivências e formações que permeiam a práxis pedagógica**. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Educação Física e Esportes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Bairros negros, a forma urbana das populações negras no Brasil. **Crítica e Sociedade**, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 16-27, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/criticassociedade/article/view/57847>. Acesso em: 5 set. 2023.

DIAS, Cleber. **Em favor do cotidiano: lazer e políticas culturais em Goiânia**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FERREIRA NETO, José Olímpio. **A capoeira na escola: uma experiência registrada em documentário**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Educação Física e Esportes, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

FERREIRA, Lucas Henrique. **Valores civilizatórios afro-brasileiros através do ensino da capoeira na educação física escolar**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico - EREBÁ) - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, Programa de Pós Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico, Rio de Janeiro, 2022.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Goiânia, v. 27, n. 1, p.109-121, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/19971>. Acesso em: 5 set. 2023.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 247-275, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

IÓRIO, Laércio Schwantes; DARIDO, Suraya Cristina. Educação física, capoeira e educação física escolar: possíveis relações. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 137-143, 2005. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/>

view/1314/2412. Acesso em: 5 set. 2023.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. Práticas corporais, justiça social e Educação Física: análise das experiências de docentes da educação básica. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 2-20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/85863>. Acesso em: 5 set. 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 27-53.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física, currículo cultural e justiça social. In: MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Maria Eleni Henrique da; MARTINS, Raphaell Moreira. **Educação Física escolar e justiça social: experiências curriculares na Educação Básica**. Curitiba: CRV, p. 109-127, 2022.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **O urucungo de Cassange: um ensaio sobre o arco musical no espaço atlântico (Angola e Brasil)**. 1. ed. Itabuna: Mondrongo, 2019.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes; VENÂNCIO, Luciana. African and Indigenous games and activities: a pilot study on their legitimacy and complexity in Brazilian physical education teaching. **Sport, Education and Society**, v. 26, n. 7, p. 718-732, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13573322.2021.1902298?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 20 jan. 2024

PETIT, Sandra Haydée. Práticas pedagógicas para a lei nº 10.639/2003: a criação de nova abordagem de formação na perspectiva das africanidades. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 21, n. 3, p. 657-684, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/download/19874/10621/80909>. Acesso em: 5 set. 2023.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

SANCHES NETO, Luiz; VENÂNCIO, Luciana. A luta por visibilidade des afrolatines como desafio curricular à educação física antirracista. In: FILGUEIRAS, Isabel Porto; MALDONADO, Daniel Teixeira. **Currículo e prática pedagógica de educação física escolar na América Latina**. Curitiba: CRV, 2020, p.29-42.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. 2019. Tese de Doutorado. (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SILVA, Luciana Maria Fernandes; DARIDO, Suraya Cristina. Capoeira. In: GONZALEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; DE OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli. **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. 2.ed. Maringa: Eduem, 2017. p. 91-137.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A negrada instituição: os capoeiras na corte imperial, 1850-1890**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação cultural, Divisão de Editoração (Coleção – Biblioteca Carioca, v.34), 1999.

Recebido em 25 de julho de 2023.
Aceito em 15 de setembro de 2023.